

O CAVALO COMO ICONOGRAFIA E PODER, O CASO ARQUEOLÓGICO DAS MOEDAS DE CARTAGO

Luana Silva Santos¹
Albérico Nogueira de Queiroz²
Olivia Alexandre de Carvalho³

RESUMO

Neste trabalho apresenta-se uma discussão sobre a importância da representação do cavalo nas moedas de Cartago em uma perspectiva arqueológica, durante períodos nos quais a cidade imperou ambientes com vários séculos de batalhas e permanece sendo objeto de investigação pelo sinônimo de fortaleza. Assim, buscou-se através da iconografia zooarqueológica subsídios que permitissem entender os aspectos sociais da cidade, em momentos específicos de sua historicidade, os quais se passavam de um mero registro curioso do cotidiano, mas que forneceram vários contextos que existiram naquela época, sendo a figura do cavalo um símbolo presente na cultura material, nesse caso, as moedas. As fontes escritas e iconográficas estabeleceram relações de contato entre o passado e o presente, em que a presença do animal permitiu relacionar aspectos imagéticos com a sociedade existente durante o período de cunhagem. Dessa forma, ambas contribuíram o entendimento da história local, tão além das práticas cotidianas de um povo, mas também do saber e viver daquela sociedade.

Palavras-chave: Arqueologia, Cavalos, Moedas, Cartago

ABSTRACT

In this paper, we present a discussion of the importance of horse representations on the coins, with symbolic power in an archaeological perspective at Carthage during periods in which the city ruled environments with centuries of battles and remains under investigation by synonymous with fortress. Thus, zooarchaeological iconography were related to that context, which gave grant to a social view of the city, at specific times of its historicity, provided various sociological correlations at that time. The written and iconographic sources established contact relationships between the past and the present, where the study of those animal representations in the currencies contributed to the involvement contained in the Carthage history and discuss factors that imagistic aspects and its relation with the existing society during that period of coinage. Therefore, both contributed together to reach an understanding local history and told the everyday practices of a people, but also of knowledge and living in that society.

Keywords: Archaeology, Horses, Coins, Cartago.

1 Arqueóloga pelo Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe (DARQ/UFS).
E-mail: luanasilva.arq@hotmail.com

2 Professor do Departamento de Arqueologia (DARQ/UFS), Laboratório de Bioarqueologia (LABIARQ)/Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS). E-mail: anqueiroz@hotmail.com

3 Professora do Departamento de Arqueologia (DARQ/UFS), Laboratório de Bioarqueologia (LABIARQ)/Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS). E-mail: ocarvalho99@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As investigações relacionadas à iconografia zooarqueológica ainda são pouco representativas na arqueologia brasileira, em grande parte devido à escassez de pesquisas, mas também, pelo pouco interesse na contextualização imagética presente como cultura material, contrariamente

Este estudo de caso consiste em uma investigação preliminar sobre a representação iconográfica do cavalo nas moedas de Cartago (atual Tunísia), particularmente no século V (período de cunhagem) e durante as guerras púnicas (entre 264 a 146 a. C.), contextos nos quais o animal está inserido, sendo considerado como encurtador de distâncias e condutor de civilizações.

Espera-se que este estudo possa contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas relacionadas à Zooarqueologia Iconográfica no Brasil, haja visto que o país apresenta um grande potencial nesta linha de investigação, representada sobretudo pelos registros e gravuras rupestres, além das esculturas e outros tipos de representação imagética pretérita e recente.

Apesar desta lacuna na iconografia zooarqueológica brasileira, o cavalo é uma das figuras de maior representação imagética em outras regiões no decorrer dos séculos, conforme evidenciado na literatura sobre Cartago, colônia do norte da África no século IX a.C. O estudo sobre a iconografia arqueológica retrata e impulsiona o conhecimento e as relações dessas representações, as quais possuíram ou possuem relação com a sociedade, em diversos cenários.

Dessa forma, justifica-se a busca na literatura arqueológico-histórica o caso particular de Cartago, onde foi evidenciada na antiguidade, a importância do cavalo em sua simbologia, como referência de força e poder naquela sociedade, tendo sido o animal representado na numismática principalmente, mas também, através de parâmetros emblemáticos, batalhas, economia e religião.

Ainda assim, o cavalo não se encontra presente apenas nos documentos escritos, mas compõe elementos de cunho religioso (imagens representativas) ou até mesmo em narrativas mitológicas (ALARCÃO, 1995; DAVIS, 1995).

ARQUEOLOGIA E ICONOGRAFIA NAS MOEDAS DE CARTAGO

O estudo enfoca um campo que transita na fusão entre a Zooarqueologia e a Iconografia, as quais são contadas através de uma linguagem visual, representadas e atribuídas a um determinado tempo e contexto. No âmbito particular da iconografia, ela ainda atua como uma ponte de ligação entre visual e o textual, onde a observação e análise são fatores que contribuem sobre determinada arte, seja ela epigráfica, arquitetônica, escultural ou fotográfica.

A palavra iconografia é derivada do grego “eikon” significando imagem e “graphia” que significa escrita, ou seja, “escrita da imagem”. Logo, o termo é uma imediação com a linguagem visual atribuída a certo tema. Até meados do século XVI a iconografia era vista somente como atribuições de significados simbólicos para imagens religiosas, mas hoje contribuí para diversas áreas afins.

De acordo com GALLAY (1986), iconografia agrupa o conjunto de signos que materializam o pensamento simbólico, principalmente as manifestações. Dessa forma, a arqueologia investiga através dos seus vestígios materiais os conceitos que contam com uma análise visual para representar um determinado tema.

Portanto, as moedas cunhadas com símbolos representativos de cavalos contam o relato da história desta cidade que foi declarada como Patrimônio Mundial pela UNESCO². Cartago foi território de várias guerras, mas glorificada como sinônimo de poderio por estar rodeada de muralhas e por possuir diversas riquezas, além de obter o porto mais importante do mediterrâneo nas época de maior desenvolvimento.

A arqueologia infere o comportamento transformador humano e também suas ideias, a partir de materiais remanescentes do que pessoas fizeram e usaram, e do impacto físico de sua presença no meio ambiente. A interpretação dos dados arqueológicos depende da compreensão de como os seres humanos se comportam no presente e, em particular, de como esse comportamento se reflete na cultura material (TRIGGER, 2004).

A cultura material aqui representada implica em transmitir uma comunicação através de símbolos iconográficos não verbais, que determinam um período ou fase de extrema importância para uma sociedade. A iconografia faz referência a partir do momento em que o receptor entende e codifica o que aquele determinado tipo de moeda tem a reproduzir através de sua imagem.

Assim, é através da comunicação entre a peça e a iconografia que conseguimos estabelecer um parâmetro de estudo daquele material. As moedas conduzem por meio de anversos e reversos a biografia de um povo que viveu entre religião, guerras e poder, e dessa forma foram batidas (cunhadas) em muitos momentos, poderiam ser considerados pedaços de metais sem alguma forma e tamanhos variados de maneira representativa.

A simbologia cravada nas moedas de Cartago permite informar algo sobre como aquela cunhagem produzida, com a capacidade de comunicar uma representatividade entre o “eu” e a materialidade em questão. No entanto, a maneira com que enfatizamos a cultura material na arqueologia ressalta que aquele objeto pertenceu a uma determinada cronologia, destacando sua manufatura, além de um momento de batalhas com derrotas e conquistas.

Segundo FUNARI e CARLAN (2012), a moeda ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia, em termos ideológicos, não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia. O primeiro elemento usado, o metal, informava-o sobre a riqueza de um povo. Os outros dois elementos, tipo e legenda, diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. Atuavam como um meio de propaganda, onde as representações, em seus anversos e reversos, legitimavam seu poder.

Essas representações abrem espaço para uma discussão a respeito do envolvimento da arqueologia, e em particular, da zooarqueologia, uma vez que busca conhecer o tipo e o grau de importância nas associações entre os humanos e a fauna no decorrer do tempo.

Desde a sua domesticação e utilização como montaria pelos humanos, o cavalo tem contribuído para o desenvolvimento da humanidade e particularmente com o evento da domesticação, tendo sido estabelecida uma relação de domínio da nossa espécie sobre o animal, em que mais tarde, foi estabelecido o processo da doma para sua necessidade cotidiana. Um dos fatores relacionados à montaria seria a conquista de territórios, em que, ainda que de forma um tanto simplista, o humano se sentia seguro ao permanecer em seu dorso, aquele já imperava em um símbolo de poder, e assim foi sendo representado em vários contextos, inclusive naquele monetário, importante para a economia, mas também nos tempos difíceis das guerras.

² UNESCO- Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

CARTAGO E SUA HISTÓRIA

A cidade de Cartago é considerada como um símbolo da antiguidade exótica. Localizada no Mediterrâneo Ocidental (Figuras 1 e 2), atualmente Tunísia (Península do Golfo de Túnis), fez parte, geográfica e politicamente, do mesmo *continuum*³ histórico que denominamos de arcaico, clássico e helenístico, assim como Roma e as colônias gregas da Península Itálica, da Sicília e da Costa meridional da atual França.

Porém, sua geografia política, centralizada no continente africano, com áreas de influências sempre opostas, primeiro aos gregos, depois aos romanos, e sua população de etnia semita, produziram a ideia de exotismo e de diferenças, posicionando-a nas representações modernas em contraste às sociedades romana e grega, estas europeias, uma contraposição cuja normalização é ditada também em relação às margens do mediterrâneo (SILVA, 2008).



Figura 1- Mapa atual do continente africano com a localização da Tunísia. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 16 de outubro. 2013.



Figura 2- Mapa atual da Tunísia em destaque a cidade de Túnis (antiga Cartago). Fonte: Google Imagens. Acesso em: 16 de outubro. 2013.

Dessa forma, vários períodos de guerras foram travados e ajudaram a cidade de Cartago a manter o poder no Mediterrâneo, já que havia o interesse em possibilitar e expandir a exploração das riquezas de metais da região. Assim, Cartago começa a emitir várias moedas, nas quais são em grande parte representadas com o cavalo. Em resumo, existe o significado simbólico importante desse animal em sua história de guerras, visto que está presente em todas as cunhagens, muito frequentemente associado às Divindades.

³ *Continuum*: Espaço de quatro dimensões, localmente compacto. FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio – Século XXI, versão 3.0. São Paulo: Nova Fronteira/Lexikon, 1999.

De fato, Cartago estava posicionada de forma estratégica devido às suas rotas comerciais e passou assim a exercer poder político sobre algumas partes do mediterrâneo, controlando o comércio, já que sua economia estava baseada na exploração de minérios (atual região do Sul da Itália e Espanha). A cidade era rodeada por montanhas e de um lado extremo estava localizado o mais importante porto do mediterrâneo, motivo pelo qual Cartago adquiriu tanta influência econômica para a região (Figura 3).



Figura 3 - Visualização da Antiga Cartago, “o homem voltado para o mar”. Disponível na internet. <<http://historia-pitagoras.blogspot.com.br>>. Acesso em: 19 de outubro. 2013.

A Sicília, cidade que estava politicamente e geograficamente localizada nas proximidades de Cartago, e cidade a qual era explorada pela mesma devido às suas riquezas em metais, foi de extrema importância e contribuinte para vários séculos de história construída do cotidiano da cidade Púnica (própria Cartago). Quando Cartago começa emitir moedas no século V a.C., com intuito de custear ações militares, ocorreu nesse momento, o início da circulação monetária e o conhecimento sobre variados tipos de moedas, as quais eram batidas (cunhadas) para fins políticos e econômicos, uma vez que as tropas de exércitos e mercenários deveriam ser devidamente remuneradas.

Com as moedas já emitidas, a cidade de Cartago decide então levar uma boa parte para circular na Sicília, primeira região onde ocorreu essa circulação, e depois na capital, Siracusa. A moeda de bronze na Sicília era utilizada como meio de troca entre povos locais da ilha e também utilizada com finalidade comercial nas cidades interiores.

Dessa forma, as guerras (Tabela 1) proporcionaram o crescimento das cidades e consequentemente da população, além do aumento da escravidão, onde os escravos eram utilizados em varias práticas e funções distintas, desde afazeres nas casas dos que detinham o poder (a elite), até nas oficinas de cunhagem.

O início da primeira guerra púnica foi declarado através dos relatos em Mesina, atualmente conhecida como Sicília. Mesina possuía influência entre Cartago e Roma. Tudo começa quando Roma declarou estar sendo ameaçada por Cartago e com esse argumento, inicia-se um desfecho para salvar Mesina dos mercenários Cartagineses.

Os romanos tiveram a iniciativa de dirigirem-se à Sicília para apoiar os povos da região que estavam ao seu lado, por sua vez, Cartago decide aliar-se ao rei de Siracusa, que acabou cercando a Sicília. Com todos os afrontamentos e várias negociações, os romanos deram início a um combate que acabou com a fuga da oposição e em seguida os cavaleiros romanos marcharam pela ilha próxima à Siracusa, como sinônimo de poder.

Dessa forma, várias cidades ficaram do lado romano e o rei de Siracusa decide aliar-se à Roma, resolvendo o problema de abastecimento de alimentos do exército, e não se dando por vencidos ainda, decidem atacar mais uma vez e usar da sua frota bélica para derrotar os inimigos e cavaleiros. Contudo, um dos comandantes, Xapinto, liderou um exército de cavalos e elefantes durante uma das batalhas. E ao final, apesar das perdas, os romanos conquistaram a Sardenha, Sicília, Gália Cisplatina, Córsega e Cartago, que, mesmo sucumbindo aos romanos, mantiveram os pagamentos de tributos e influência com a Itália, acabando por tomar posse das minas de prata no território que havia conquistado, a Hispania.

A segunda Guerra púnica foi estabelecida e focada na missão de conquista de novos territórios de ambas as partes. Amílcar general cartaginês faleceu e foi substituído por Asdrúbal e em consequência do seu assassinato, Aníbal, filho de Amílcar, assume o poder.

Assim, Aníbal em vingança pelo seu pai, conquista todo o território da Ibéria. Os Cartagineses acabaram conquistando vários territórios e alguns dos seus objetivos eram a exploração de recursos minerais e comerciais, mas como os Cartagineses lideravam a Hispania, os romanos estavam insatisfeitos. Dessa forma, Aníbal decide seguir em frente e conquistar mais um espaço de terra, Saguntum (hoje atual Espanha, província de Salamanca, situada ao Norte de Portugal) e mais uma guerra é declarada pelos romanos aos Cartagineses.

Os romanos possuíam maior quantidade de soldados que os Cartagineses, que mesmo assim foram à luta, alguns povos se uniram à Cartago como os Hispânicos, Gauleses e Líbios. Aníbal, mesmo com poucos guerreiros, decidiu lutar e conseguiu ganhar a guerra, graças aos seus homens e a suas estratégias (montou barricadas de homens, que foram usados como faixa de isolamento para que os romanos não os passassem, além do uso de cavalos e de um outro animal muito maior, com o triplo do peso de um cavalo, o elefante), mesmo depois de uma batalha sangrenta e da derrota os romanos ainda não cederam.

Dessa forma, enquanto Aníbal recomeça a conquistar territórios e a recuperar seus guerreiros, Roma ataca novamente e dessa vez vence, como consequência a cidade de Cartago perde sua independência, passando a pagar vários tributos para seus adversários.

De acordo com FUNARI e CARLAN (2012), as representações de cavalos, cavaleiros e de carros de combate são atribuídos a autoridade e poder. A figura do cavaleiro exercia fascínio no imaginário das culturas mediterrâneas. O cavaleiro armado, subjungando o inimigo caído caracterizava um símbolo natural de vitória e constituía um esquema iconográfico simbólico.

A terceira guerra púnica foi marcada pelos pesados tributos pagos pelos Cartagineses a Roma, além da perda de recursos e novos ataques pelos povos aliados dos seus adversários. Mesmo Cartago tendo sido derrotada, batalhou e tentou sua reestruturação econômica. Porém, os aliados de Roma queriam a destruição de Cartago, decidiram então investigar o território e observaram que a cidade ainda representava perigo, então decidiram destruí-la.

Um pretexto deveria ser criado para uma nova guerra e como os Cartagineses não poderiam se armar sem autorização de Roma, o exército Romano vai até a África, foi então decretado que o povo de Cartago deveria abandonar a cidade, pois a mesma iria ser destruída. A rendição foi estabelecida e o pedido de desarme foi realizado. Mas Cartago não se rendeu totalmente e começou a montar estratégias para que a invasão não ocorresse. Como a cidade era cercada de muralhas, isso fez com que a invasão fosse retardada, mas a população de Cartago estava sendo cercada e como os Cartagineses não se retiravam completamente, começaram entrar em colapso devido à falta de alimentos. Por fim, a população resiste dentro

das muralhas por três anos, mas finalmente foi invadida e Roma estabeleceu seu poder e domínio pelo Mediterrâneo.

Com a destruição de Cartago em 146 a.C., e tendo em vista a proteção dos remanescentes arqueológicos, em 1970 Cartago foi declarada como Patrimônio Mundial pela UNESCO e, em 1985, alguns hectares da área arqueológica foram sendo divulgados para fins de proteção e por fim em 1991, foram transformados no Parque Arqueológico de Cartago.

GUERRAS	INÍCIO	FIM
1ª Guerra Púnica	Começa em 264 a.C.	Estende-se até 241 a. C.
2ª Guerra Púnica	Começa em 218 a.C.	Estende-se até 201 a.C.
3ª Guerra Púnica	Começa em 149 a.C.	Estende-se até 146 a.C., ocorrendo neste mesmo ano sua destruição.

Tabela 1- Síntese das Guerras Púnicas (= Guerras de Cartago) e respectivos períodos.

CARTAGO: PATRIMÔNIO MUNDIAL

A cidade foi, provavelmente desde o início, planejada e cercada por muralhas intransponíveis, com áreas selecionadas no espaço urbano para funções específicas, portos, fortaleza, santuários, comércio, artesanato, habitações e necrópoles, modelo que aparentemente foi adotado por outras cidades semitas das regiões costeiras do Mediterrâneo Ocidental (FANTAR, 1990 *apud* SILVA, 2008).

Do ponto de vista da tipologia arqueológica, a cidade importou vários materiais e em grandes quantidades, como por exemplo as ânforas⁴ comerciais, as quais se destacaram durante o século V a.C., demonstrando assim, suas relações de trocas com cidades próximas do Mediterrâneo. Esses utensílios eram utilizados provavelmente para armazenamento de vinhos e azeites, os quais eram produzidas em diferentes regiões, cujo sabor era adocicado e por esse motivo eram muito apreciados. As ânforas foram descobertas em Cartago e em vários sítios da costa do Norte da África.

As ânforas foram bastante utilizadas no decorrer de vários períodos da história da cidade de Cartago, algumas eram decoradas e possuíam inclusive verniz negro para indicar um maior grau de importância e por esse motivo eram sugeridas em exclusividade para clientes importantes da cidade púnica, esses eram os comerciantes com maior poder na região do Mediterrâneo, e também faziam trocas por outros produtos.

Dessa forma as ânforas mais simples eram utilizadas para o transporte de água e guardadas com segurança nas cisternas, essas que durante alguns períodos serviam tanto de armazenamento para esses utensílios, como também, celeiros e porões, onde se agrupavam e até viviam pessoas locais, além de servir como lugar seguro para os cavalos, servindo de estábulos. Na área arqueológica, além de ânforas, também foram encontrados vários outros objetos que faziam parte da cultura dos Cartagineses.

De fato, Cartago é o sítio do Mediterrâneo Ocidental no qual foi demonstrado a maior diversidade no fluxo comercial, desde o século VII até sua destruição em 146 a.C. No que concerne ao comércio, é o sítio Africano onde mais se encontram ânforas (séculos VII a IV a.C.), as quais transportavam provavelmente azeite (MOREL, 1990 *apud* SILVA, 2008).

São os vestígios materiais que nos permitem estudar e compreender aquela sociedade e seu desenvolvimento, seja ele econômico, político, social, cultural ou religioso. Por fim, nos seus últimos anos de existência a cidade ainda possuía poder para se expandir em relação à reforma de seu porto, que foi considerado símbolo de sua antiguidade e sua maior razão de desenvolvimento. O porto foi construído com o mesmo material das muralhas da cidade, blocos de arenito revestidos de estuque branco, existindo evidências de que a pavimentação dos corredores entre os estaleiros era composta por mosaicos. Os fragmentos das arquitraves decoradas da muralha em frente aos portos corroboram o espetacular desenvolvimento e o vigor econômico da cidade no final de sua história (HURST, 1994 *apud* SILVA, 2008).

Os púnicos adotavam na cidade vários monumentos com caracterização arquitetônica de ordens iguais para representar em mosaicos um pouco da sua cotidianidade, a decoração das paredes e pisos demonstraram o desenvolvimento da cidade e de seu vigor. Os cavalos faziam parte do cotidiano de seu povo e da sua cultura, por isso que ele foi bastante retratado em vários momentos de sua narrativa.

A população de Cartago era especializada e reconhecida como grandes artesãos. Com todas essas habilidades, eles conseguiam trocar com facilidade seus produtos, toda essa comprovação foi feita durante as escavações desde o século XIX, possibilitando assim o conhecimento de povos desenvolvidos em atividades artesanais. Os materiais arqueológicos encontrados eram de categorias diversas, cerâmicas, amuletos, joias, peças de marfim, ossos humanos e de animais, além das moedas.

Essa caracterização cultural de artesãos se propôs identificar a arte com um típico desenvolvimento, trazendo para aquela cidadela formas de comercializar suas mercadorias e adquirir novos produtos, dessa forma remetendo em processos de produção de identidade e características culturais, já que detinham um espaço na sociedade com reflexo de construtores.

Assim, a dimensão espacial não poderia ser dissociada daquela temporal. Logo são submetidas a processos de cogitações sobre o dizer “como” e o “fazer”. Os habitantes apreendiam e repassavam seus conhecimentos artesanais de geração em geração, no entanto formando uma caracterização de identidade e poder entre seus povos.

Na região também foram encontradas ossadas humanas sob blocos de pedra, testemunhas do morticínio, atestado pelas fontes literárias, que se seguiu à invasão da cidade pelos romanos. Outro testemunho da matança são as centenas de esqueletos de homens e mulheres enterrados em valas comuns e encontrados por escavações realizadas nas primeiras décadas dos anos 1920 (LANCEL, 1992 *apud* SILVA, 2008).

É importante notar que em vários momentos os sacrifícios eram inevitáveis, já que faziam isso em tempos de calamidade com intuito de acalmar os Deuses, mas segundo

algumas análises, fetos mortos eram comuns, além de animais associados aos mesmos. Os sacrifícios foram considerados atos simbólicos e purificador de transparência da infância para o universo adulto. Assim faz-se necessário ressaltar que a descoberta dos sítios sagrados do ocidente mediterrânico, contendo urnas com ossos queimados de crianças, levou à sua associação com as menções bíblicas ao Tofet, (MOSCATI, 1992 *apud* SILVA, 2008).

Os Tofets eram associados e identificados como um local de sacrifícios de crianças, imoladas pelo fogo e seu corpo oferecido como sinal de sacrifício para um Deus considerado dono de todas as forças e de alcance à fecundidade da terra com a troca da vida após a morte.

A religiosidade na maioria das vezes estava acima de qualquer coisa para a população da cidade púnica e essas oferendas não eram considerados sacrifícios e sim um ato de purificação da alma, ou seja, futuramente uma elevação de melhoria da vida terrena. Assim em vários Tofets eram feitas inscrições que representavam os Deuses importantes para aquela sociedade, como exemplo da Deusa Tanit, considerada mãe para os Cartagineses, pois ela possuía o espírito da lua, do sol e abria caminhos para a fertilidade, por esse motivo era bastante representada na cidade inteira. A sua imagem e inscrições foi representada em pedras, nas paredes das muralhas e em moedas, juntamente com os cavalos.

De acordo com (KORMIKIARI, 1999), as fontes escritas diretas disponíveis são todas de caráter epigráfico. São mais de 6.000 inscrições gravadas em materiais duros (pedra, metal, marfim, osso e cerâmica). Apesar de serem repetitivas, em virtude do seu caráter majoritariamente religioso, são fontes preciosas de informação, especialmente para nomear e referenciar à história interna, cotidiana de Cartago e das outras cidades vizinhas.

Diversos Tofets com inscrições foram descobertos durante as escavações, alguns estavam soterrados, mas possuíam vários metros de altura e pesavam toneladas. Eram comuns em materiais duros e suas escritas revelavam ensinamentos de uma cultura de povos que viviam no local, eram esculpido não somente inscrições, mas também desenhos de Deuses, animais, crianças e múltiplos tipos de figuras representativas da narrativa da cidade.

Segundo Silva (2008), várias publicações sobre a arqueologia de Cartago estão hoje aumentando o fluxo sobre o conhecimento da história cartaginesa e das suas relações com os Estados contemporâneos. Além da importância de sociedades antigas, principalmente aquelas cujas informações nas fontes primárias escritas ainda são escassas, dados arqueológicos são fundamentais para a reconstrução histórica, onde áreas escavadas e o processo de análise em laboratório contam um pouco sobre alguns momentos seculares.

As escavações em Cartago no ano de 1860 (Figura 4) proporcionaram a evidência de vários momentos importantes para os pesquisadores. Grandes quantidades de materiais arqueológicos permitiram algumas reconstituições sobre o modo de vida da sociedade Cartaginesa, ânforas eram comuns, além de vários fetos e animais associados, como cavalos, já que eram animais utilizados em atividades cotidianas, além de representações destes em moedas (Figura 5).

⁴ Ânforas: Vaso ou jarás com duas asas, usadas para armazenamento de vinhos e azeites, capacidade antiga de armazenamento de 19 litros e 44 centilitros. FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio – Século XXI, versão 3.0. São Paulo: Nova Fronteira/Lexikon, 1999.

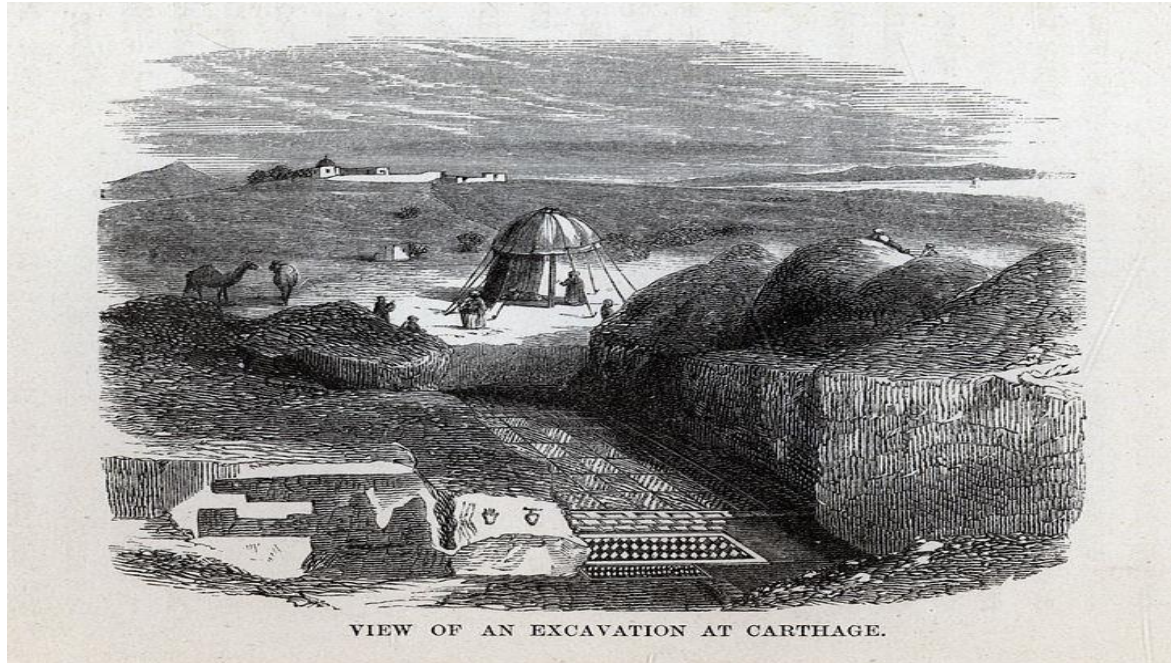


Figura 4 - Escavação em Cartago por volta de 1860. Fonte: HURST, 1994.



Figura 5 - Moeda de prata com peso de 6,6 g/MC, representando em seu anverso (direita) a imagem em perfil de Aníbal e no reverso (esquerda) o cavalo estático em frente a uma palmeira. Fonte: Google Imagens. Acesso em 8 de dezembro de 2013.

O CAVALO NAS MOEDAS DE CARTAGO

Conforme Funari e Carlan (2012), a moeda surgiu como um pedaço de metal com marca impressa, um selo, com referência à autoridade política que garantia o valor. Esta referência política costuma se expressar tanto pela imagem como pela inscrita, assim como na famosa passagem do Evangelho de Mateus, em que Jesus é questionado sobre o pagamento de tributos a Roma:

“Mostrai-me a moeda do imposto”. Apresentaram-lhe um drenário. Disse ele: ‘De quem é esta imagem e inscrição?’ Responderam: ‘De César’. Então lhes disse: “Devolvei, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus” (Mateus, 22, 19-21) (BÍBLIA, 2010).

É interessante a observação dos símbolos e suas representações, pois implicam em variados fatores, podendo desta forma ser levados por opiniões de autores diferentes e que divergem entre si para chegar a uma conclusão do que significa aquele determinado símbolo representativo. O exemplo é justamente as moedas de Cartago, em que sua emissão possuía uma relação com as atividades político-militares e foi utilizada como base para os povos que a adotaram, constituindo uma economia monetária ao longo de sua história.

Assim, tendo uma forte contribuição para o transporte e conquistas de batalhas perante longos períodos da existência do homem na terra, o animal também pode apresentar sua imponência em relação à economia de um determinado território, como a representação de várias emissões de moedas e cunhagem de poder iconográfico exorbitante durante vários séculos.

O cavalo foi representado no universo monetário com certa assiduidade por diversas cidades, tanto do Ocidente (Cartago) como do Oriente (Sicília), revelando variados séculos de histórias construídas. No século V a.C. várias cidades e reinos começaram a emitir moedas, um forte exemplo foi Cartago, pois precisavam delas para custear ações militares na Sicília.

Nas variações de moedas emitidas o cavalo foi representado de várias formas: empinando, galopando, por inteiro, com a cabeça voltada para trás, dando passos com as patas dianteiras em destaque. Toda essa emblemática representa histórias que vem sendo contadas através de representações iconográficas.

Portanto, a história de Cartago foi representada de acordo com fontes textuais e o relato de um registro, uma descoberta que significou a fundação da cidade e que estava denominando um marco para a sua história, uma cabeça de cavalo, que propiciou o desenvolvimento e a construção da história, além do emblema de um povo guerreiro e poderoso, com repercussão em tudo o que ocorreu em seu território.

A partir da ideia de poder e beligerância trazida pela imagem do cavalo revelada pelos textos, acreditou-se então, que este animal havia sido escolhido como símbolo da cidade e por isso teria sido empregado na iconografia monetária (JENKINS & LEWIS 1963: 12).

A primeira emissão de moedas em Cartago data de 410-390 a.C. (JENKINS 1974), contudo, poucos anos depois, Cartago (parte Ocidental) e Sicília (parte Oriental), no século IV a.C., já estavam cunhando novas moedas em bronze. O anverso dessa série traz sempre a imagem de uma cabeça feminina, tendo o cabelo enfeitado com dois grãos de trigo, assim sendo caracterizada como “Coré” (Forma Latina, que significa moça virgem) e em outros dialetos também conhecida como Perséfone, Deusa das: ervas, flores, frutos e perfumes e seu ritual era muito usado na Sicília, ela presidiava aos funerais e todos que morressem teriam que passar pelo ritual, em que a divindade cortava o fio do cabelo do cadáver e os ligavam à vida). E a Deusa “Tanit” (considerada a grande Deusa de Cartago, também do sol, da lua e mãe, invocada para a fertilidade).

Desta forma, até meados do século IV a.C. (ACQUARO, 1989 *apud* KORMIKIARI, 1999), Cartago irá emitir moedas, tanto em suas oficinas da Sicília quanto da própria Cartago (com o objetivo de pagar as tropas do exército mercenário na Sicília), sendo essas peças com as seguintes imagens: Prótomo de Cavalo/Palmeira, Prótomo de Cavalo com Arreios, Cavalo Galopando; Deusa Niké Coroada: Que personificava a vitória, sendo representada por uma mulher alada, com guirlanda e caduceu/palmeira e a consagrada cabeça de Niké.

No reverso da moeda sempre era cunhado o cavalo juntamente com a palmeira, já que esta última também era um símbolo emblemático da cidade de Cartago. A cidade possuía uma fabulosa riqueza, apresentando construções importante como o porto, anteriormente destacado, além da diversidade natural da flora, como as palmeiras. O cavalo também foi observado e utilizado como afirmação e fervor na religião, bem como, para a autonomia da cidade; as imagens batidas nas moedas, fossem elas em prata, metal ou eletro, circulavam com motivos de poderio e se assemelhavam à importância da religiosidade seguida pelo seu povo.

O prótomo⁵ de prata abaixo (Figura 6) é representado no reverso estendendo-se ao animal, com sua exuberância refletida nos exércitos Cartagineses e suas habilidades, já que a cavalaria era bastante temida durante as batalhas travadas. A forma como a crina, pescoço e boca do animal eram bem representados, acabavam destacando a sua velocidade em combates.

A imagem batida em perfil era considerada sinônimo de força e robustez. Nas oficinas da época, a maioria dos animais eram cravados no metal e em outros materiais da mesma forma, em perfil, busto e por inteiro, representando na maioria das vezes a sua função de destaque como um selo propagandístico daquele período.



Figura 6 -Tetradracma de prata – Oficina da Sicília – C.350-340 a.C. -16,09 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999).

⁵ Prótomo- Parte anterior, busto. FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio – Século XXI, versão 3.0. São Paulo: Nova Fronteira/Lexikon, 1999.

Em 32 a.C. até o final deste século, novas emissões de moedas em prata trazendo o cavalo foram cunhadas (batidas) na Sicília (MANFREDI, 1991 e ACQUARO, 1989 *apud* KORMIKIARI, 1999), com cabeça de Coré rodeada de golfinhos no anverso, e no reverso, a imagem do prótomo de um cavalo, além de ser observada atrás de sua crina, uma palmeira com frutos. Essas duas imagens em uma mesma moeda é a considerada como a mais utilizada e representativa nas cunhagens púnicas.

Na maioria das vezes os golfinhos são substituídos por grãos de trigo como ocorre em algumas peças de prata (Figura 7), o que poderia suscitar uma investigação posterior a respeito desta simbologia. Já o reverso desta peça traz o cavalo nas mais variadas representações, novamente à frente de uma palmeira, sendo bastante representada nas moedas durante todo o contexto da história de Cartago.



Figura 7 - Tetradracma de prata- Oficina da Sicília- c.300 a.C.- 16,90 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari. Fonte: Kormikiari 1999.

A partir da metade do século IV a.C. (ACQUARO, 1989 *apud* KORMIKIARI, 1999), novas emissões de prata entram em circulação na Sicília. Todas têm como tipo principal no anverso a cabeça feminina de Coré. Essa figura aparece eventualmente rodeada de golfinhos, seguindo assim, a iconografia das moedas de Siracusa; a imagem do cavalo no reverso aparece com uma palmeira no fundo com frutos, além da posição do cavalo indicando a ideia de poder, com a cabeça sinuosa e passos para frente, com intenção proposital de partida (Figura 8).



Figura 8 - Tetradracma de prata – Oficina de Sicília c. 350 a.c – 17,05 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999). Fonte: Kormikiari, 1999.

A caracterização das moedas representa e transmite simbolicamente seu poder guerreiro, onde a emblemática do cavalo é ilustrada para passar uma mensagem específica (ferocidade e rapidez que fora atribuído ao seu desenvolvimento nas guerras).

Com relação às inscrições feitas nas moedas em alguns aversos, onde aparece a figura de uma Deusa, apresentam um tipo de ilustração com a legenda *'mmhnt'* (“o povo do campo”); o mesmo tipo descrito acima e com a mesma legenda *'mmhnt'* (“pertencente ao mesmo povo do campo”); e por vezes, novamente o mesmo tipo, com letra púnica no lugar da legenda. As séries *'mmhnt'* serviram de exemplo para o povo Cartaginês, em que sua história não poderia acabar naquele momento.

A inscrição significava muito para o povo Cartaginês, o povo do campo era arduamente representado pelo seu próprio trabalho naquele momento. O trigo era um exemplo dessas representações e até mesmo enfeitando o cabelo das Deusas durante as cunhagens, além dos frutos cultivados durante a época da colheita.

Desse modo, a importância da emissão dessas moedas no mundo político-militar não poderia se deixar nas mãos de entidades cívicas de Cartago e sim circular toda uma narrativa da cunhagem, para atravessar vários limites territoriais da história de uma cidade de poderio exorbitante (Figuras 9 e 9a).



Figura 9 - Tetradaracma de prata – Oficina de Sicília – c. 320-306 a.C. – 17,10 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari 1999). Fonte: Kormikiari,1999.



Figura 9a - Tetradaracma de prata – Oficina de Sicília – c. 320-306 a.C. – 17,10 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999). Fonte: Kormikiari, 1999.

Ainda durante o primeiro confronto com os romanos, temos a prova do empenho econômico determinado por Cartago com emissão em prata e eletro (ACQUARO, 1989 *apud* KORMIKIARI, 1999), batidos na oficina da capital africana. Novamente temos a cabeça de Coré como tipo principal de anverso e o cavalo como tipo principal de reverso (Figuras 10 e 10a). Nessas peças, o cavalo aparece sempre estático, mas com algumas diferenças entre as séries: olhando para trás do quadril e parado em frente de uma palmeira e com uma figura emblemática de uma estrela em frente ao seu peitoral (Figura 10a) e estático, imponente em ponto fixo de parada (Figura 11).



Figuras 10 e 10a - Didracma de prata – Oficina de Cartago – início do século III a.C. – 7,57 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999). Fonte: Kormikiari, 1999.

A imagem do Cavalo parado foi utilizada amplamente nas emissões púnicas de uma ilha vizinha de Cartago, a Sardenha (situada no centro do Mediterrâneo Ocidental, a meio caminho entre as penínsulas Itálica e Ibérica, a sul da Córsega e do estreito de Bonifacio, ao norte do canal da Sardenha e da Tunísia, a oeste da Itália continental e mar Tirreno, a leste das ilhas Baleares (Espanha) e do mar da Sardenha, iniciando a emissão e avançando desde o início da III guerra púnica.



Figura 11 - Eletro – Oficina de Cartago – c. 310-290 a.C. – 7,45 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999). Fonte: Kormikiari,1999.

Continuando a sua produção monetária e, apesar de ter perdido a II Guerra Púnica e o território Siciliota, Cartago ainda emite em sua oficina no final do século II a.C., peças em bronze, ouro e eletro, repetindo a imagística até aqui apresentada. No anverso, temos a cabeça da Deusa Coré e no reverso: cavalo parado, em cima, disco mostrando um crescente solar com Uraeus - cobra (protetores das divindades egípcias, disco solar com longos raios) e um cavalo parado; cavalo dando passo, olhando para trás (ACQUARO, 1989 *apud* KORMIKIARI, 1999) (Figuras 12 e 13).



Figura 12 - I estatér e meio de ouro – Oficina de Cartago/ 260 a.C. – 12,48g (Jenkins 1972 apud Kormikiari 1999).



Figura 13- Estatér de eletro – Oficina de Cartago/ 270- a.C.260-240 a.C. – 10,88g (Jenkins 1972 apud Kormikiari, 1999).

Em certos períodos, uma variedade de símbolos solares era emitida e entraram na composição iconográfica da cidade púnica, com intuito de iluminação durante as batalhas travadas em muitos territórios do Mediterrâneo, glorificando para abrir caminhos à vitória.

De acordo com BAYET, 1941 apud KORMIKIARI (1999), em seu artigo “L’Omen Du Cheval”, o autor procura demonstrar o inverso, ou seja, os relatos greco-latinos teriam se inspirado na imagística monetária púnica para incluir na descrição a lenda sobre a cabeça de cavalo significando força guerreira e não apenas o objeto para custear ações militares.

Ainda se aventuraram outras hipóteses sobre o simbolismo do cavalo nas moedas de Cartago, em que o cavalo teria sido escolhido para representar esta cidade africana perante o contato que os povos tiveram com outras populações, ou com relação de transmissão de ideais, fazendo com que as cunhagens se tornassem mais imponentes. Assim como as moedas são símbolos representativos de histórias, todos poderiam conhecer um pouco sobre Cartago, como também, sobre o que foi travado no local durante alguns séculos de narrativas com o animal inserido nesse contexto.

Novamente o animal é discutido em mais uma temática, provando assim que ele apresentava um arcabouço de discussões profundas, o que poderá ser tratado mais detalhadamente em pesquisas futuras. Outro parâmetro de discussão a ser acrescentado poderia estar relacionado ao contexto religioso, pela representação de divindades na iconografia monetária de Cartago. O cavalo, igualmente associado a essas divindades teria um caráter espiritual de força, rapidez e ardor nos combates (CHEYNE & SUTHERLAND, 1901 apud BAYET, 1941).

CONCLUSÕES

O propósito deste trabalho foi apresentar através de uma iconografia imagética a importância da representação do cavalo nas moedas com poder simbólico em uma perspectiva arqueológica. Cartago foi uma cidade onde imperou ambientes de vários séculos construídos de histórias e batalhas, erguida e destruída, mas que ainda permanece sendo objeto de investigação pelo sinônimo de fortaleza.

Diante dos pontos levantados no caso das disposições das moedas e suas representações iconográficas, as formas como os equídeos são relacionados juntamente com Deusas demonstraram que esses animais estabeleciam perante a história da cidade de Cartago um forte simbolismo, significado e poder, fazendo deste animal um representante fiel para aquele povo guerreiro e para aquela cidadela rodeada de muralhas, onde se tornou devido a sua exuberância, patrimônio Mundial pela UNESCO em 1991.

Contudo, quando se recorre à cultura material apresentada na pesquisa, a materialidade narra um contexto bastante presente no cotidiano da sociedade de Cartago da época. A cidade proporcionava um quadro no qual a ruralidade também estava sendo representada, as moedas apresentavam cunhagem com palmeiras e frutos, além do trigo, importantes elementos da agricultura. Os frutos colhidos enfeitavam igualmente o cabelo das Deusas e serviam de cenário às imagens dos cavalos representados.

As evidências nos fazem crer que a maneira como os animais são atribuídos em vários momentos, desde Deusas a moedas cunhadas com motivos diversos, igualmente da flora, dizem muito sobre “o povo do campo”, que é descrito em vários períodos da narrativa literária histórica. Mesmo assim, os cavalos são agraciados mais uma vez com outros signos emblemáticos (sol, lua) e que as relações baseiam-se na lógica do diálogo da cultura material com as formas socioculturais, permitindo descrever e interpretar a vida cotidiana de Cartago sendo contada através das moedas.

Observou-se que a cultura material encontrada na região arqueológica de Cartago representou e deu suporte à apropriação e à significação do objeto. A materialidade (objeto) pode ser lida em vários contextos, desde o momento que é fabricado como no exemplo das moedas, até a sua circulação de cunho propagandístico.

Esses dados fornecidos por essa investigação propiciam o conhecimento sobre a profunda relação da zooarqueologia iconográfica com a materialidade arqueológica propriamente dita e geraram subsídios o entendimento social daquela cidade, em momentos específicos da historicidade, não foram apenas um registro curioso do cotidiano, mas que forneceram vários contextos sobre as correlações sociológicas as quais se articulavam naquela época. As moedas “contaram” a história não somente das práticas habituais de um povo, mas do saber e do viver daquela sociedade.

Em suma, as fontes escritas e iconográficas pertinentes estabeleceram relações de contato entre o passado e o presente, onde o estudo das representações de cavalos nas moedas de Cartago contribuíram para o envolvimento contido na historiografia daquela região, bem como, a fatores que resultam a novas discussões durante aquele período de cunhagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACQUARO, *apud* KORMIKIARI *Monete Puniche nelle Collezioni Italiane*, parte I e II, Bollettino di Numismatica. Roma, 1989.
- ALARCÃO, J.A. *Arqueologia como semiologia da cultura material*. Revista de Guimarães, n.105,1995.
- BAYET, J. *L' Omen du cheval*. Revue des Études Latines, XIX: 166-167,1941.
- BÍBLIA. Matheus. Português. *Novo Testamento*. Trad. de João Ferreira de Almeida. São Paulo, 2010.
- CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A. *Moedas: a numismática e o estudo da história*. Editora, Anna Blume, 1ª edição, São Paulo, Julho de 2012.
- CHEYNE, T. K.; SUTHERLAND, J, *apud* BAYET. *Encyclopaedia Biblica*, Part II, V. Cavallo. Londres, 1901.
- FANTAR, M. *Carthage: archétypes et specificité*. In: *Colloque International Sur L'Histoire et L'Arqueologie De L'Afrique Du Nord*. 4ª edição,Strasburg, 1990.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio – Século XXI*, versão 3.0. São Paulo: Nova Fronteira/Lexikon, 1999.
- GALLAY, A. *l'Archéologie Demain*. Paris: Editions Pierre Belfond, 1986. 320p.
- HURST, H. *Excavations at Carthage*. The British Mission. The Circular Harbour, north side: The site and finds other than pottery. London: Oxford University Press, 1994.
- JENKINS, G. K.; LEWIS, R.B, *apud* KORMIKIARI. *Carthaginian Gold and Electrum Coins*. Edição n.2, Publicação especial da revista Suisse de Numismatique. Londres, 1963.
- _____. *Coins of Punic Sicily*. Edição n. 2. Publicação Especial de la Revue Suisse de Numismatique. Londres, 1974.
- _____. *Ancient Greek Coins*. Revue Suisse de Numismatique. Londres, 1972.
- KORMIKIARI. M. C. N. *O cavalo nas moedas púnicas: um ensaio de interpretações*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1999.
- LANCEL, S. *Carthage*. Librairie Arthème Fayard, Paris, 1992.
- Lopez Sanchez, F. (2002). Carthaginian horses versus Roman ships: An iconographic struggle on the coin-reverses of the Punic Wars. *LATOMUS*, 61(1), 14-+.
- MANFREDI, L. I. *Le monete puniche in Italia*. Libreria dello Stato. Roma, 1991.
- MANFREDI, L. I. 1999. Carthaginian policy through coins. *Phoenicians and Carthaginians in the Western Mediterranean*, 69-78.

MOREL, J. P. Nouvelles données sur le commerce de Carthage punique entre VII et le IIe siècle avant J.-C. In : Colloque International Sur L'Histoire Et L' Arqueologie De L' Afrique Du Nord. *Carthage et son territoire dans l' Antiquité*, 4 édition, Strasburgo, 1990.

MOSCATI, S. *Il Santuario dei bambini (Tofet)*. Libreria Dello Stato- Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, Roma, 1992.

SILVA, J. G. R. *Cartago: Arqueologia e representações*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB. n. 13, Brasília, 2008.

TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico*. Editora, Odysseus, São Paulo, 2004.